

LIBERDADE RELIGIOSA

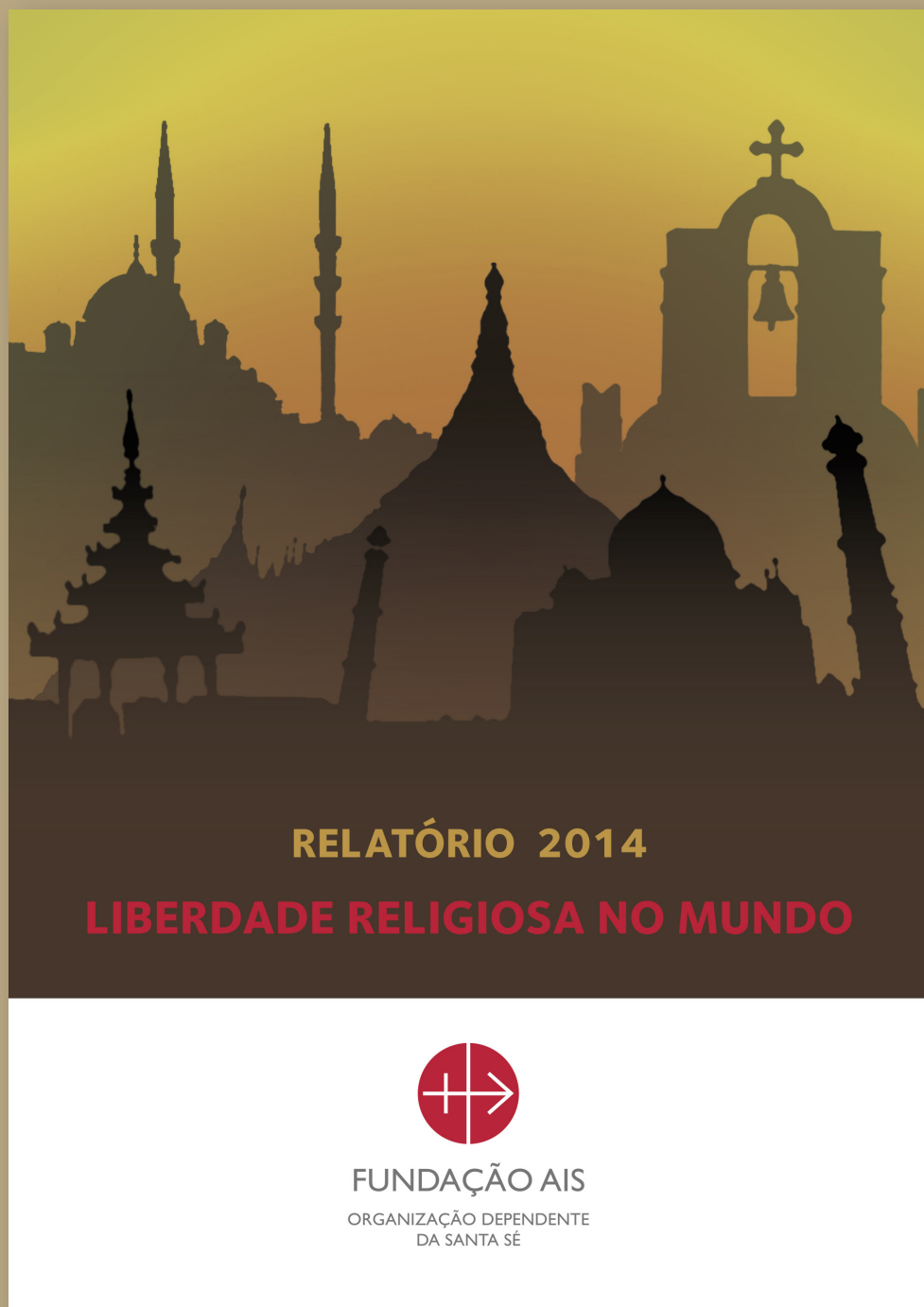
NO MUNDO – 2014

RESUMO



FUNDAÇÃO AIS
ORGANIZAÇÃO DEPENDENTE DA SANTA SÉ

O Relatório 2014 sobre a Liberdade Religiosa no Mundo está disponível online em diversas línguas em www.religion-freedom-report.org



Visite o nosso Observatório online, onde poderá encontrar e pesquisar toda a informação contida no Relatório 2014 sobre a Liberdade Religiosa no Mundo; a informação de cada um dos 196 países; a versão PDF do Resumo deste Relatório; e ainda a versão e-Pub compatível com os dispositivos móveis (iPhone ou Android).



LIBERDADE RELIGIOSA

NO MUNDO – 2014

RESUMO



FUNDAÇÃO AIS
ORGANIZAÇÃO DEPENDENTE DA SANTA SÉ



ÍNDICE

Prefácio de Paul Jacob Bhatti	5
Resumo das Conclusões	6
Conclusões	8
Mapa da Perseguição Religiosa	18
Situação Geral da Liberdade Religiosa	30
Case Study	
Coreia do Norte: Missionário condenado a trabalhos forçados perpétuos	9
Irão: Permissão concedida para mesquitas sunitas em Teerão	10
Nigéria: Grupo terrorista islâmico Boko Haram rapta mais de 200 alunas	13
Mianmar: Governo propõe limitar os nascimentos para conter o aumento dos muçulmanos rohingya	14
Bélgica: Quatro pessoas mortas em tiroteio num museu judaico	16
Barém: Construção de catedral é uma luz na escuridão	21
Paquistão: Vinte e dois peregrinos muçulmanos xiitas mortos em ataque bombista	22
Sudão: Meriam Ibrahim escapa à pena de morte por ‘apostasia’	24
China (Tibete): Monge budista morre na prisão	26
República Centro-Africana: Cristãos e Muçulmanos juntos pela paz	28

Editor-Chefe: John Pontifex, Editor: Reinhard Backes, Assistente Editorial: Mark Banks, Presidente do Comité Editorial: Peter Sefton-Williams, Comité Editorial: Marc Fromager, Maria Lozano, Raquel Martin, Roberto Simona, Benedikt Steinschulte, Padre Paul Stenhouse, Mark von Riedemann.

Publicado pela Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, Rua Prof. Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 Lisboa.

Em todo o mundo existem milhões de pessoas que sofrem perseguição religiosa. Ajudar quem passa por estas situações e informar a opinião pública sobre as mesmas tem sido o mote da acção da Ajuda à Igreja que Sofre (AIS), uma Fundação Pontifícia da Igreja Católica cujo objectivo é apoiar projectos pastorais nos países onde a Igreja Católica está em dificuldade. A Fundação AIS tem secretariados nacionais em vinte países da Europa, América, Ásia e Oceânia, apoiando mais de cinco mil projectos todos os anos em cerca de 140 nações de todo o mundo.

A imagem da capa apresenta o interrogatório do missionário sul-coreano Kim Jung-Wook pelas autoridades norte-coreanas em Maio de 2014. Copyright AP/Press Association. Ver case study na página 9 para mais detalhes.

Concepção gráfica: The Graphic Design House, Walton Road, Farlington, Portsmouth PO16 1TR

PREFÁCIO PAUL JACOB BHATTI,

ANTIGO MINISTRO FEDERAL DA HARMONIA E DAS MINORIAS, PAQUISTÃO

A causa da liberdade religiosa é uma causa que mudou a vida da minha família e a minha para sempre.

Era uma manhã chuvosa de 2 de Março de 2011 quando o meu irmão Shahbaz Clement Bhatti, então ministro Federal para as Minorias no Paquistão, foi morto em plena luz do dia. A sua determinação para pôr fim a todos os tipos de injustiças e para proteger as comunidades oprimidas e marginalizadas custou-lhe a vida.

Quando Shahbaz foi morto, eu podia escolher entre continuar a vida que tinha em Itália ou pegar no bastão deixado pelo meu irmão e continuar a tarefa que ele havia estabelecido para si mesmo. A minha consciência deixou-me sem dúvidas: acredito que fui guiado por Deus para continuar a sua visão e missão, protegendo aqueles cujos direitos humanos básicos são demasiadas vezes violados por causa de discriminação, extremismo e ódio religioso. Consequentemente, assumi a função de ministro Federal da Harmonia Nacional e dos Assuntos das Minorias no Governo do Paquistão, bem como a Presidência da organização *All Pakistan Minorities Alliance* (APMA). Esta organização tinha sido criada pelo meu falecido irmão com o objectivo de garantir que todas as minorias religiosas tivessem voz numa plataforma. Ao mesmo tempo, criei o fundo *Shahbaz Bhatti Memorial Trust*, para que o legado do meu irmão continuasse a promover a liberdade religiosa, a igualdade humana e a justiça social.

Nunca pensei que viria trabalhar no Paquistão depois de ter estabelecido o meu consultório médico em Itália. Estaria a comprometer a liberdade pessoal e profissional de que gozava. Apesar disso, um mês antes da morte de Shahbaz tivemos uma discussão bastante significativa e ele pediu-me que viesse trabalhar no Paquistão. Na altura, pensei que estava a gozar e respondi: “Estás a chamar-me do paraíso para o inferno.” Ele respondeu imediatamente: “O caminho para o paraíso está no Paquistão.” A sua convicção forte e inabalável e a discussão comigo sempre significaram que o não envolvimento não era uma opção. Sendo uma família humana, somos obrigados a lutar por aqueles que são demasiado fracos para falar por si próprios e se defenderem.

Estou extremamente agradecido à Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) pelo seu envolvimento em realizar esta importante tarefa de avaliar situações de liberdade religiosa em todo o mundo. Ninguém deve ter de sofrer violência física e intimidação psicológica por declarar aquilo que considera mais precioso e ao qual adere. A liberdade religiosa é um

direito e uma responsabilidade que envolve todos. Todos nós temos direito a expressar as nossas crenças, respeitando a fé de cada um.

A liberdade religiosa é, pela sua natureza, um direito para todos, partilhado de forma igual, e é por isso que recomendo o *Relatório Internacional da Liberdade Religiosa no Mundo* da AIS, por olhar para a situação e avaliá-la através de um amplo leque de grupos religiosos em países de todo o mundo. Ao fazê-lo, este relatório desafia as pessoas a pensarem de novo sobre este direito fundamental, que é um direito central para uma sociedade livre, justa e próspera. É a necessidade mais fundamental do momento num mundo dividido onde nalgumas partes há um renascer religioso e noutras uma tendência para a indiferença religiosa e para o ateísmo. Num mundo cada vez mais polarizado, um consenso crescente sobre a natureza da liberdade religiosa e o respeito por ela pode mostrar ser crucial na nossa luta contra o fanatismo e uma cultura de violência, seja por parte do Estado, de extremistas ou de grupos terroristas.



Resumo das Conclusões

(Período em análise: de Outubro de 2012 a Junho de 2014)

1. Dos 196 países do mundo, oitenta e um países – ou seja, 41% – são identificados como locais onde a liberdade religiosa é perseguida (nível “alto” ou “médio”) ou está em declínio.
2. Um total de trinta e cinco países – ou seja, 18% – foi classificado como tendo alguns problemas de liberdade religiosa que são “preocupantes”, mas sem deterioração da sua situação.
3. Os restantes oitenta países – ou seja, 41% – não transmitiram preocupações em relação à liberdade religiosa. O relatório não encontrou violações regulares ou sistemáticas à liberdade religiosa nestes países.
4. Nas situações em que houve uma mudança da liberdade religiosa, essa mudança foi quase sempre para pior. Nos 196 países analisados, a mudança para melhor é notada em apenas seis países. Registam-se situações de deterioração das condições em cinquenta e cinco países (ou seja, 28%).
5. Mesmo nos seis países onde foram observadas algumas melhorias, quatro países – Irão, Emirados Árabes Unidos, Cuba e Catar – permanecem classificados como locais de perseguição “alta” ou “média”. O Zimbabué e Taiwan estão classificados como locais de perseguição “preocupante” e “baixa”, respectivamente.
6. No total, vinte países são designados como de perseguição “alta” em relação à liberdade religiosa.
 - a. Destes, catorze experimentam perseguição religiosa relacionada com o extremismo islâmico. São eles: Afeganistão, República Centro-Africana, Egipto, Irão, Iraque, Líbia, Maldivas, Nigéria, Paquistão, Arábia Saudita, Somália, Sudão, Síria e Iémen.
 - b. Nos restantes seis países, a perseguição religiosa está ligada a regimes autoritários. São eles: Mianmar, China, Eritreia, Coreia do Norte, Azerbaijão e Usbequistão.





Com base nestes dados, o Relatório conclui:

7. No período em análise, a liberdade religiosa global entrou numa fase de declínio grave.
8. A impressão dada pelas manchetes dos meios de comunicação social globais de um aumento das perseguições dirigidas às comunidades religiosas marginalizadas é suportada por esta investigação.
9. Os países muçulmanos são predominantes na lista de estados com as violações mais graves à liberdade religiosa.
10. A liberdade religiosa está em declínio nos países ocidentais predominante ou historicamente cristãos. Dois factores principais explicam este fenómeno. Primeiro, há desacordo em relação ao papel a ser desempenhado pela religião na 'praça pública'. Segundo, a abertura à liberdade religiosa está ameaçada por causa do aumento da preocupação social com o extremismo.
11. Os Judeus na Europa Ocidental estão sujeitos a um nível em geral baixo de violência e outros abusos. No entanto, estes problemas aumentaram, desencadeando emigrações para Israel.
12. Foram identificados alguns sinais positivos de cooperação positiva, mas estes resultaram muitas vezes de iniciativas locais e não de progressos a nível nacional.
13. A perseguição das minorias religiosas de longa data e o aumento dos estados uniconfessionais estão a resultar em deslocações populacionais extremamente elevadas que contribuem para a crise mundial de refugiados.
14. A perseguição das minorias religiosas de longa data e o aumento dos estados uniconfessionais estão a resultar em deslocações populacionais extremamente elevadas que contribuem para a crise mundial de refugiados.
15. Os países da Europa Ocidental, que até às últimas décadas eram maioritariamente cristãos e racialmente homogêneos, estão a tornar-se mais parecidos com as sociedades multiconfessionais e diversificadas do Médio Oriente. Isto está a gerar tensões, tanto políticas como sociais.
16. O aumento da "iliteracia religiosa" entre os decisores políticos ocidentais e os meios de comunicação social internacionais estão a dificultar o diálogo produtivo e a elaboração de políticas eficazes.
17. Concluimos que, para reverter as tendências perturbadoras identificadas neste Relatório, a responsabilidade de combater a violência e a perseguição pertencem sobretudo e em primeiro lugar às próprias comunidades religiosas. A necessidade de todos os líderes religiosos proclamarem em voz alta a sua oposição à violência de inspiração religiosa e de reafirmarem o seu apoio à tolerância religiosa estão a tornar-se cada vez mais urgentes.



CONCLUSÕES

Os actos de violência cometidos em nome da religião continuam a dominar os meios de comunicação social internacionais. A impressão inevitável é de que o terror de inspiração religiosa não só está generalizado como está a aumentar. Infelizmente, este relatório confirma esta avaliação.

Em quase todos os países onde registámos uma mudança na situação e na condição das minorias religiosas, essa mudança foi para pior. Por vezes, a deterioração é causada por discriminação legal ou constitucional; noutros casos está relacionada com hostilidade sectária, muitas vezes ligada a tensões raciais ou tribais. Nalguns casos envolve um grupo religioso que oprime outro, ou que tenta mesmo eliminá-lo. Noutras situações ainda, um estado autoritário tenta restringir as actividades de um grupo religioso específico. Nos países ocidentais, a tensão religiosa está a aumentar, provocada pelo fenómeno recente do ‘ateísmo agressivo’, do secularismo liberal e do influxo rápido de migrantes económicos e refugiados com uma fé e uma cultura claramente diferentes das do país de acolhimento.

Nos 196 países abrangidos por este relatório – efectivamente todos os países do mundo – notámos uma diferença em sessenta e um países. Em apenas seis países registámos uma melhoria na situação das minorias religiosas. Nos restantes cinquenta e cinco países vimos uma mudança para pior. Isto significa que em quase 30% dos países analisados, abrangendo o período de Outubro de 2012 a Junho de 2014, a situação das comunidades religiosas se tinha “deteriorado significativamente” ou simplesmente “deteriorado”.

Identificámos igualmente vinte e seis países onde as restrições à liberdade religiosa já são “altas” ou “médias”, mas onde não foram notadas mudanças nos últimos dois anos. Se juntarmos estes vinte e seis países aos cinquenta e cinco que viveram uma deterioração, vemos que em oitenta e um dos 196 países do mundo – ligeiramente acima dos 40% – a liberdade religiosa está comprometida ou em declínio.

O número de países que são classificados como registando violações à liberdade religiosa “altas” ou “médias” – independentemente de se terem deteriorado, melhorado ou permanecido na mesma durante o período em análise – chega aos cinquenta e seis, pouco menos de 30% do total.

Nos casos em que foram alcançados bons resultados, eles surgem muitas vezes como consequência de iniciativas locais e não através de progressos a nível nacional.





CASE STUDY

COREIA DO NORTE

MISSIONÁRIO CONDENADO A TRABALHOS FORÇADOS PERPÉTUOS

Maio de 2014: O missionário sul-coreano Kim Jung-Wook, de 50 anos, foi condenado a trabalhos forçados perpétuos pelas autoridades norte-coreanas por alegadamente espiar e tentar estabelecer igrejas clandestinas no estado totalitário. Kim foi detido seis meses antes, em Outubro de 2013, depois de entrar na Coreia do Norte a partir da China. Apareceu em Fevereiro numa conferência de imprensa norte-coreana onde apelou às autoridades norte-coreanas para que tivessem misericórdia dele. Disse também que tinha recebido apoio de uma agência de serviços de informação da Coreia do Sul e pediu desculpa por cometer crimes contra o Estado. Contudo, outros detidos anteriores retrataram-se mais tarde das suas declarações depois de aparecerem em conferências de imprensa encenadas.

A Coreia do Sul negou ter quaisquer ligações a Kim para realização de espionagem. De acordo com um amigo de Kim em Seul, este tinha estado sediado sobretudo em Dandong, na China, desde 2007. Kim ajudou defensores norte-coreanos a chegarem à Coreia do Sul através da Tailândia, do Laos e de outros países na região. Contudo, recentemente tinha-se voltado mais para o fornecimento de alimentos e alojamento a norte-coreanos que tinham recebido autorização para ir à China procurar emprego, muitas vezes sem sucesso, o que os deixava sem rendimentos ou outros meios de subsistência.

Fontes: AP/The Guardian, 31 de Maio de 2014; NY Daily News, 27 de Fevereiro de 2014.

CASE STUDY

IRÃO

PERMISSÃO CONCEDIDA PARA MESQUITAS SUNITAS EM TEERÃO

Novembro de 2013: Num avanço nas relações entre xiitas e sunitas no Médio Oriente, o novo Presidente do Irão, Hassan Rouhani, deu luz verde para que sejam construídas mesquitas sunitas na capital, Teerão.

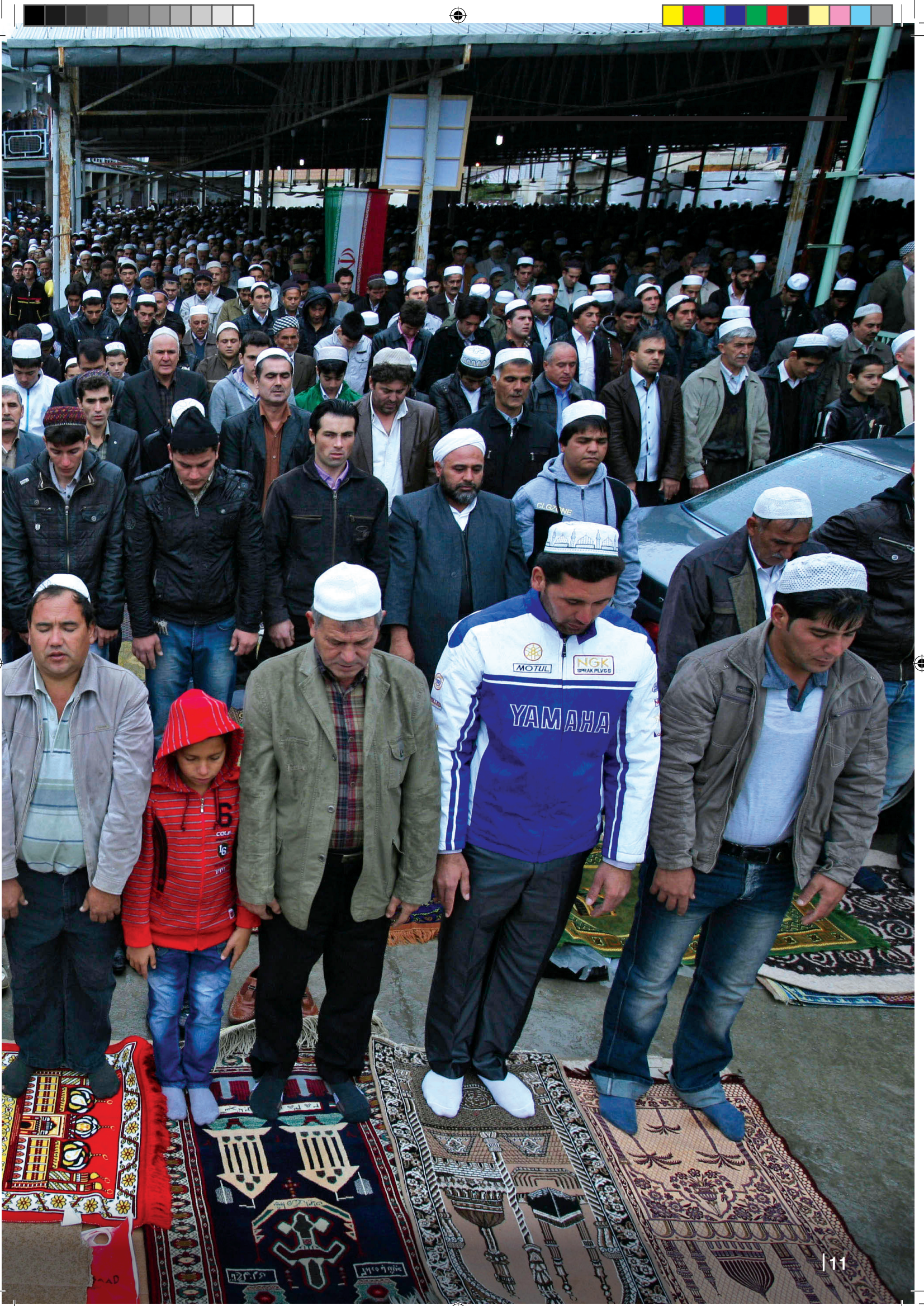
Antes deste anúncio, o conselheiro especial de Rouhani para as minorias étnicas e religiosas, Ali Younesi, tinha reunido com líderes sunitas para discutir os direitos da minoria sunita. Concordaram em trabalhar no sentido de remover as barreiras que impedem que os sunitas alcancem total igualdade perante a lei num país muçulmano predominantemente xiita. O encontro seguiu-se a uma série de incidentes nos quais as forças de segurança em Teerão impediram sunitas de se reunirem e rezarem em locais designados para comemorarem dias sagrados.

Durante a madrugada de 16 de Outubro de 2013, dezenas de agentes de segurança em uniforme ou à paisana rodearam a Mesquita de Sadeghiyeh no noroeste de Teerão, um dos maiores e mais importantes locais de oração sunitas na província de Teerão, e impediram crentes sunitas de entrarem no edifício para celebrarem o Eid-e Ghorban, a Festa do Sacrifício. Activistas sunitas também relataram que as forças de segurança impediram os crentes de entrarem noutro local de oração, em Saadatabad, no norte de Teerão. Aparentemente, os fiéis sunitas noutras partes da capital entraram livremente nos locais de oração e prestaram culto sem obstáculos.

Depois da revolução de 1979, o Irão impediu os sunitas de construírem mesquitas em Teerão. Nos últimos dez anos, a Associação da Reforma Iraniana tem estado a trabalhar para dar aos sunitas um sistema de namazkhanehs ou locais de oração provisórios, para rezar às sextas-feiras e nos dias do Eid. Contudo, as restrições aos namazkhanehs nos últimos anos forçaram alguns crentes a realizarem as suas orações do Eid em locais não especificados, incluindo casas particulares ou outros espaços privados.

Fontes: *World Bulletin*, 9 de Novembro de 2013 (www.worldbulletin.net); *Human Rights Watch*, 9 de Novembro de 2013 (www.hrw.org).

© AP / Press Association



Embora os meios de comunicação social internacional se concentrem naturalmente em relatos principais de violência e crueldade ligados ao extremismo religioso, há pouca análise subsequente de quais poderão ser as implicações e consequências destas acções. A comunicação social também falha redondamente no relato das raízes religiosas destes conflitos, o que poderia pelo menos fornecer o contexto para uma melhor compreensão. O público fica com a sensação de que os acontecimentos registados são actos aleatórios de crueldade cometidos por homens armados enlouquecidos. Espera-se que este relatório venha rectificar algumas destas falhas.

De acordo com esta interpretação secular da comunicação social, as comunidades de crentes são cada vez mais um problema a ser gerido, e mesmo marginalizado, em vez de uma tradição a ser incentivada e apoiada. No Ocidente está a ganhar terreno a perspectiva de que a religião, em vez de fazer sobressair o melhor na humanidade, gera os seus piores aspectos.

Ligado à violência de inspiração religiosa está um declínio da tolerância religiosa, do pluralismo religioso e do direito à autodeterminação religiosa. Embora o direito à liberdade religiosa esteja consagrado no Artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, este direito está ameaçado em quase todo o lado. Embora seja difícil de quantificar, a tendência de afastamento do pluralismo religioso, sobretudo no mundo em desenvolvimento, está claramente documentada neste relatório.

Em partes do Médio e Extremo Oriente, o fenómeno do estado uniconfessional está a emergir. Onde antes vários grupos cristãos e muçulmanos conseguiram viver em conjunto durante séculos, há agora uma tendência crescente para que o grupo religioso dominante insista, muitas vezes através da imposição da lei da sharia ou de instrumentos como a “lei da blasfémia”, na conformidade universal da prática religiosa.

O surgimento do Estado Islâmico (antes conhecido como Estado Islâmico do Iraque e do Levante) é o exemplo mais óbvio desta situação. Em Julho de 2014, os jihadistas expulsaram todas as comunidades religiosas, incluindo muçulmanos não-sunitas, para fora de Mossul, a cidade a norte do Iraque que tinham tomado no mês anterior. Os Cristãos foram forçados a converter-se ao Islamismo ou a ir-se embora. Foi-lhes dado um prazo e o Estado Islâmico declarou que, se não cumprissem, “não há nada para eles senão a espada”. A cidade que até recentemente alojava cerca de 30 mil cristãos ficou de repente sem nenhum e pela primeira vez em 1600 anos não houve Missa dominical.

O extremismo e a perseguição desta natureza surgem como um factor significativo no fenómeno crescente das migrações em massa. As comunidades religiosas minoritárias no Médio Oriente têm estado em declínio há muitos anos, mas no período em análise uma crise humanitária pré-existente piorou de repente e de forma drástica. Por exemplo, os cristãos na Síria diminuíram de

1,75 milhões no início de 2011 para talvez pouco mais de 1,2 milhões no Verão de 2014 – um declínio de mais de 30% em três anos. No Iraque, o declínio é ainda mais acentuado. Claramente, a religião não foi o único factor que levou as pessoas a fugirem da sua pátria – factores económicos e segurança geral foram as preocupações preponderantes –, mas, mesmo assim, o ódio religioso tornou-se cada vez mais numa força motriz óbvia para o fenómeno crescente dos refugiados. O aumento das migrações relacionadas com a perseguição religiosa pode, por isso, ser relacionado com o anúncio do ACNUR em Junho de 2014 de que o número mundial de deslocados e refugiados tinha alcançado os 50 milhões pela primeira vez na era pós-Segunda Guerra Mundial. A criação de estados teocráticos ou uniconfessionais está a ter um impacto profundo não apenas naqueles países onde está a ser posta em prática mas também nas democracias ocidentais.

Os deslocados dos grupos religiosos estão a procurar refúgio no Ocidente, criando assim um leque de desafios sociais e económicos. Ironicamente, à medida que o pluralismo religioso entra em declínio nessas áreas do Médio Oriente, as democracias ocidentais, historicamente sobretudo cristãs e elas próprias em grande medida uniconfessionais, estão a ter de aprender a viver com o pluralismo religioso, muitas vezes pela primeira vez.

A ascensão das redes sociais significou que o fundamentalismo e o ódio religioso são sentidos muito para além das fronteiras geográficas. O extremismo, popularizado através do Facebook, do Twitter, de salas de conversação e outras redes sociais, é de tal forma que o ódio religioso pregado num país distante rapidamente se transforma numa preocupação local. A manifestação mais óbvia disto é o recrutamento de pessoas do Ocidente para se envolverem em conflitos no Médio Oriente. A comunicação social ocidental destaca cada vez mais as preocupações com a crescente ameaça para o Ocidente da actuação da ‘Geração Jihad’ em solo nacional. Ataques esporádicos de indivíduos radicalizados contra comunidades religiosas específicas no Ocidente – muitas vezes com as redes sociais a desempenharem um papel importante – confirmam que esta ameaça de facto já existe.

Em geral, contudo, o grau de opressão religiosa nas democracias ocidentais mantém-se baixo. Apesar disso, como este relatório regista, há tendências genuinamente preocupantes.

O principal entre estes desenvolvimentos é que, enquanto cada vez mais a opinião ocidental dominante considera a discriminação com base na raça, género e sexualidade como inaceitável, há ao mesmo tempo um declínio no consenso sobre os direitos de consciência dos crentes.

Sobretudo em relação a assuntos como escolas religiosas, casamento homossexual e eutanásia, há um conflito crescente entre perspectivas religiosas tradicionais e o consenso liberal “progressista”. Enquanto a opinião dominante admite que os crentes devem, no mínimo, ser



CASE STUDY

NIGÉRIA

GRUPO TERRORISTA ISLÂMICO BOKO HARAM RAPTA MAIS DE 200 ALUNAS

Abril de 2014: Cerca de 276 alunas foram raptadas por membros do grupo terrorista Boko Haram de uma escola secundária em Chibok, estado de Borno, no nordeste da Nigéria, na noite de 14 para 15 de Abril. A maior parte das raparigas raptadas pertencia a famílias cristãs, mas algumas eram muçulmanas. De acordo com relatos, no início do rapto, cinquenta e três raparigas conseguiram escapar. Na altura em que escrevemos, a polícia nigeriana relatou que os militantes ainda detinham 223 raparigas.

A 12 de Maio, o grupo terrorista divulgou um vídeo que mostrava cerca de 130 raparigas vestidas com hijabs completos e forçadas a recitar versos do Corão. Vestindo uniforme militar, muito semelhante ao do Exército Nacional, o líder do Boko Haram, Abubaker Shekau, confirmou que as suas prisioneiras tinham sido forçadas a converter-se ao Islamismo.

O Arcebispo Ignatius Kaigama de Jos, Presidente da Conferência Episcopal da Nigéria, descreveu a sua angústia em relação à situação difícil destas raparigas. Ignatius Kaigama disse: “Estou muito preocupado... elas são simples raparigas inocentes e todo o ser humano se sente mal com isto. A vida é sagrada.” Quando lhe pediram a sua opinião sobre a razão pela qual o grupo terrorista teria levado a cabo estes raptos, o Arcebispo respondeu: “Eles queriam ferir o coração da Nigéria.”

O líder dos Católicos da Nigéria afirmou ainda que, tendo tentado todos os outros meios, a oração era actualmente a melhor solução para a ameaça do Boko Haram. E disse: “Tentámos o diálogo e não funcionou; o Governo usou a força e não funcionou... Nesta fase, o que precisamos de fazer é rezar – só Deus pode tocar o coração destas pessoas.”

Fontes: Ajuda à Igreja que Sofre do Reino Unido, 13 de Maio de 2014; BBC News Online, 9 e 12 de Maio; Daily Mail Online, 12 de Maio de 2014.

CASE STUDY

MIANMAR

GOVERNO PROPÕE LIMITAR OS NASCIMENTOS PARA CONTER O AUMENTO DOS MUÇULMANOS ROHINGYA

Maio de 2013: As autoridades no estado ocidental de *Rakhine*, Mianmar, introduziram uma regulamentação local de planeamento familiar que estabelece um limite de dois filhos às famílias do grupo minoritário muçulmano *rohingya*, numa tentativa de restringir o “crescimento populacional rápido” e “conter a violência sectária”. Ao contrário de outras minorias no país, as famílias *rohingya* não têm plenos direitos de cidadania em Mianmar e são vistas por muitos como imigrantes ilegais.

A regulamentação segue-se a propostas feitas por uma comissão do Governo central criada em 2012 para investigar a violência *anti-rohingya* no estado ocidental de *Rakhine*. Este painel criado pelo presidente *Thein Sein* tem vinte e sete membros de diferentes origens. Uma declaração da comissão demonstrou que é pouco provável que os muçulmanos *rohingya* deslocados regressem a casa em breve, argumentando que a segregação generalizada de budistas e muçulmanos é uma solução temporária que deve ser aplicada por agora.

O relatório elaborado pela comissão pró-governamental concentra-se nas “preocupações” expressadas pela maioria budista no estado de *Rakhine* em relação ao crescimento da população muçulmana.

Activistas e organizações de direitos humanos têm sérias dúvidas e desconfianças sobre a proposta. A *Human Rights Watch*, com sede nos EUA, afirma que as autoridades estão envolvidas numa “limpeza étnica” virtual na área. Aung San Suu Kyi, a conhecida líder da oposição birmanesa, disse que, caso seja confirmado, o limite imposto de dois filhos é “uma violação flagrante dos direitos humanos”.

De Junho de 2012 a Maio de 2013, a região tem sido palco de violentos confrontos entre budistas birmaneses e muçulmanos *rohingya* (que constituem cerca de 800 mil em todo o país), nos quais morreram cerca de 200 pessoas, deixando mais 140 mil deslocados.

Fontes: www.AsiaNews.it, 1, 24 e 28 de Maio de 2013.



livres de praticar a sua fé em privado, há cada vez menos concordância sobre o quanto essa fé deve ser autorizada a manifestar-se na sociedade em geral.

Isto leva a uma tendência cada vez mais evidente para que os direitos de alguns grupos se sobreponham aos direitos de outros grupos. Na prática, esta “hierarquia de direitos” significa que nas situações em que os direitos dos defensores dos direitos dos homossexuais ou da igualdade de género entram em conflito com os direitos de consciência dos crentes os primeiros assumem habitualmente precedência. No Reino Unido, por exemplo, as agências de adopção católicas que se recusam a colocar crianças em casais homossexuais foram forçadas a mudar as suas normas ou então tiveram de encerrar. São inúmeros os exemplos desta tendência em toda a Europa Ocidental.

Espera-se que este relatório possa desencadear uma maior reflexão sobre os preceitos fundamentais da liberdade religiosa, sobretudo em relação à forma como os grupos religiosos devem ser autorizados a discordar legalmente das normas prevalecentes.

Este relatório também destaca a necessidade de o Ocidente desenvolver um entendimento mais completo e sofisticado das motivações religiosas. A iliteracia religiosa dos decisores políticos ocidentais está a criar uma enorme barreira de entendimento entre o Ocidente e outras partes do mundo. As intervenções ocidentais no Iraque e no Afeganistão são dois casos onde esta falta de compreensão, ou de entendimento religioso, é demasiado evidente.

Não faz parte do âmbito deste relatório explicar o crescimento da intolerância e da violência religiosa. Sem dúvida que no futuro os historiadores vão discernir as razões por detrás disso. Apenas podemos apresentar algumas das explicações actuais mais populares.

Uma teoria comum relaciona-se com a frustração que cresceu a partir da incapacidade do mundo islâmico de se desenvolver tão rapidamente como o Ocidente nos últimos séculos. Isto levou alguns muçulmanos a lutarem pelo restabelecimento de uma “Idade do Ouro” do Califado, quando o Islamismo era visto como emergindo de forma triunfante.

Outra consideração é a de que a globalização e o multiculturalismo, longe de gerarem maior tolerância, levaram a que os grupos religiosos e étnicos se sentissem ameaçados e por isso se tenham retirado para uma mentalidade de isolacionismo intolerante.

Uma terceira consideração é de que a democracia ocidental – em tempos tão admirada e imitada – já não é vista automaticamente como o modelo preferido para os países em desenvolvimento. A argumentação é de que, se o liberalismo ocidental leva ao aborto, à contracepção, à falta de recato, à desestruturação da família, ao casamento homossexual e a uma dívida nacional e pessoal enormes, então os grupos religiosos tradicionais não querem fazer parte disso.

CASE STUDY

BÉLGICA

QUATRO PESSOAS MORTAS EM TIROTEIO NUM MUSEU JUDAICO

Maio de 2014: Quatro pessoas foram mortas num tiroteio no Museu Judaico de Bruxelas por um homem que passou mais de um ano na Síria e que tem ligações com muçulmanos radicais. A 24 de Maio de 2014, um homem armado com uma espingarda *Kalashnikov* abriu fogo no museu, matando três pessoas no local e ferindo gravemente uma quarta pessoa, que foi levada para o hospital e faleceu quase duas semanas mais tarde, a 6 de Junho. As três pessoas que morreram no local eram dois israelitas (Emanuel e Miriam Riva, um casal de meia idade de férias vindo de Tel Aviv) e uma mulher francesa. A quarta vítima era Alexandre Strens, um jovem belga que trabalhava no museu. Strens nasceu em Marrocos, de mãe judaica e pai berbere argelino.

O ataque durou menos de noventa segundos, após os quais o atirador abandonou a cena a pé. A sua imagem foi parcialmente captada por câmaras de filmar de segurança antes de ter desaparecido para o centro de Bruxelas. Joëlle Milquet, ministra do Interior, estava no local quando a polícia

isolou a área e foi citada como tendo dito: “É provável que este seja um ataque anti-semita.”

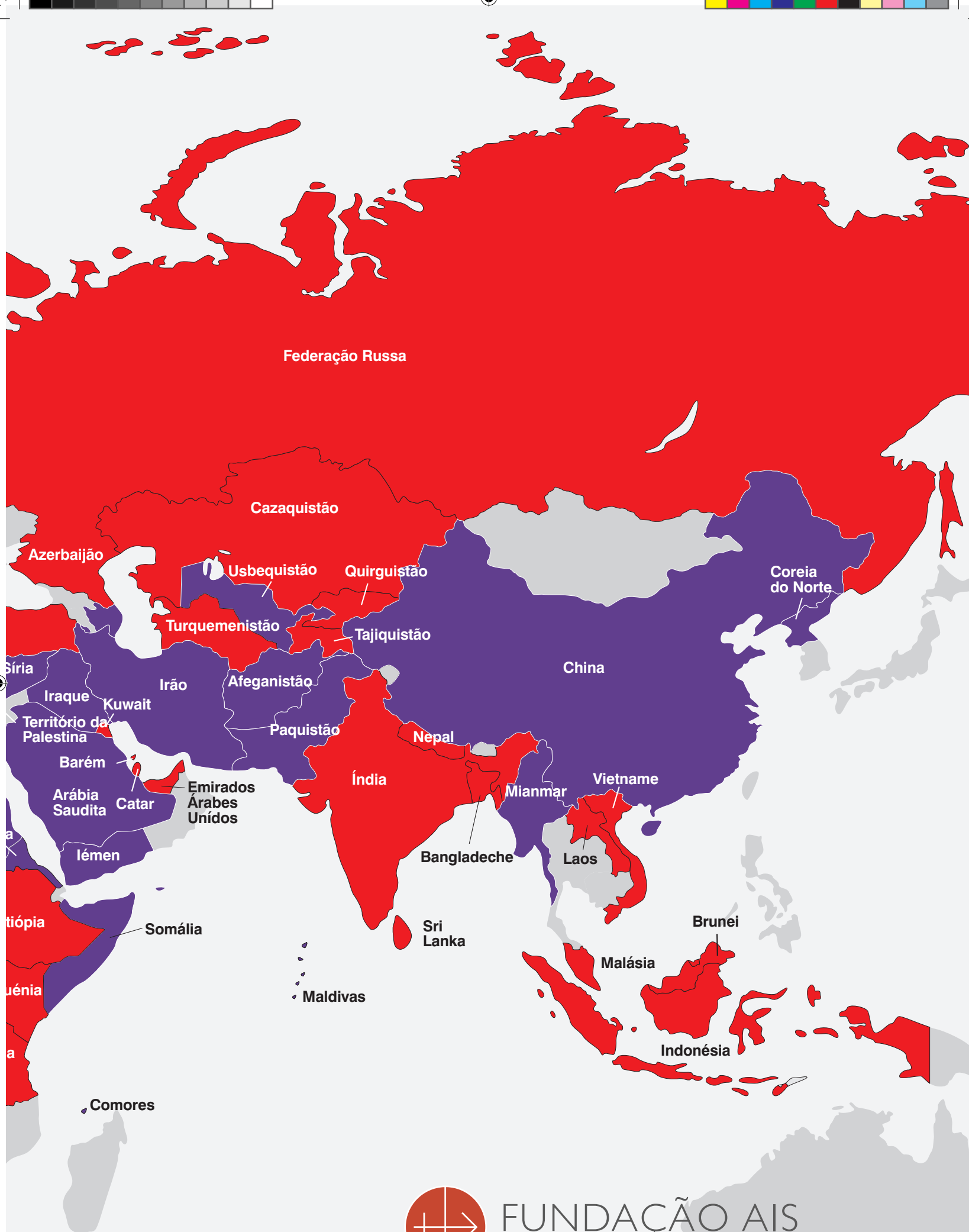
A 30 de Maio, Mehdi Nemmouche, um francês de 29 anos, foi detido em Marselha em ligação com o tiroteio. Joel Rubinfeld, responsável da Liga Belga contra o Anti-Semitismo, disse que a detenção era um alívio, mas que o perfil de jihadista sírio de Mehdi Nemmouche constituía uma fonte de profunda ansiedade. “É fundamental que os países que têm cidadãos que foram para a Síria tomem todas as medidas necessárias para garantir que isto não volte a acontecer”, disse. Roger Cukierman, presidente do Conselho das Organizações Judaicas em França, disse: “...parece que os piores receios dos governos ocidentais estão a acontecer. Os jihadistas europeus na Síria são uma bomba-relógio prestes a explodir.”

Fontes: *The Independent*, 24 de Maio e 1 de Junho; Wikipedia (*'Jewish Museum of Belgium shooting'*) referenciado a 27 de Junho de 2014.

© CORBIS images





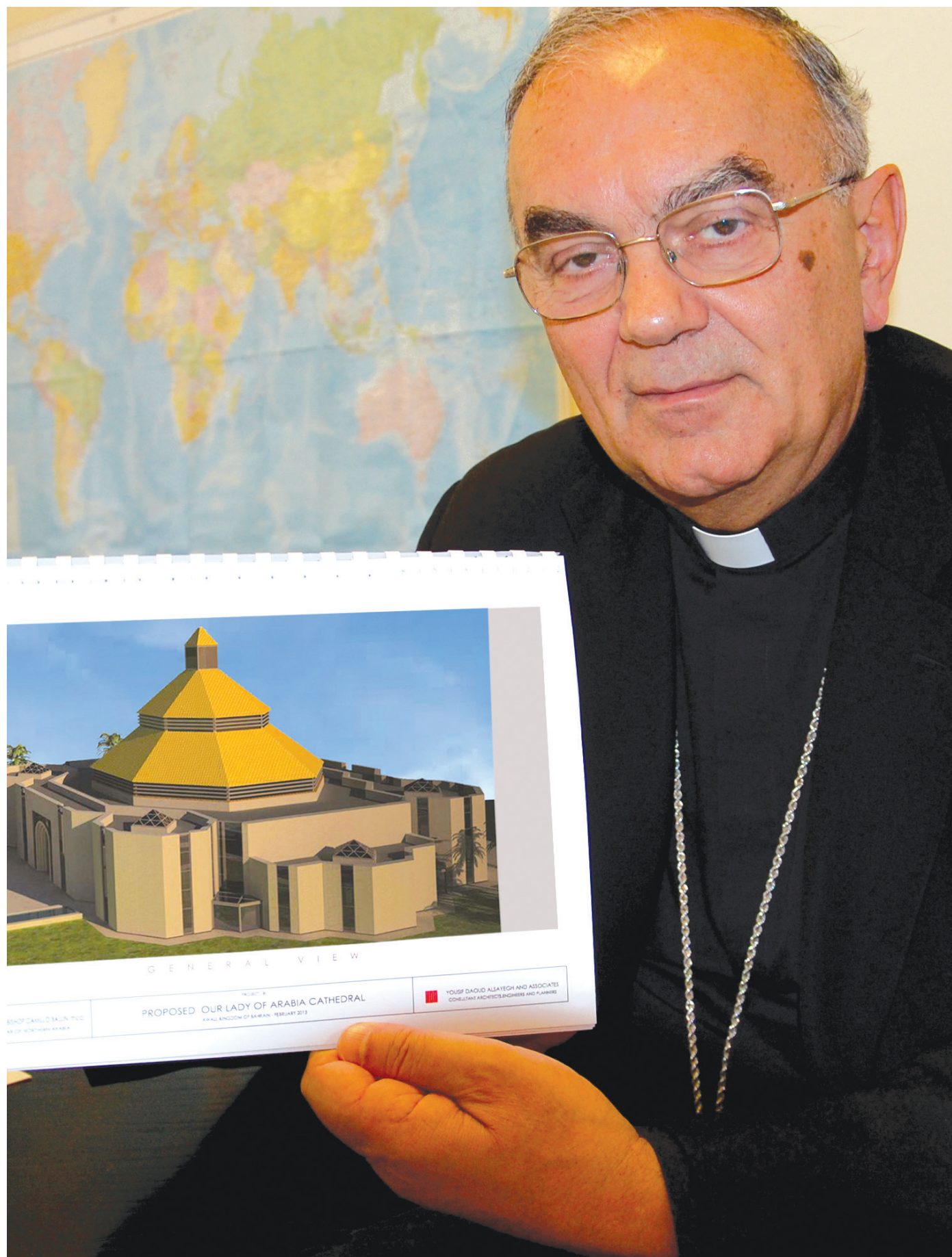


FUNDAÇÃO AIS

ORGANIZAÇÃO DEPENDENTE DA SANTA SÉ

www.religion-freedom-report.org





Com justificação, a comunicação social concentra-se sobretudo no terrorismo islâmico. Mas, tal como este relatório mostra, isso não conta a história toda. Dos vinte países que identificámos como tendo um problema de perseguição muito “alta” em relação à liberdade religiosa, seis deles – Azerbaijão, Mianmar, China, Eritreia, Coreia do Norte e Usbequistão – são governados por regimes autoritários onde os Muçulmanos se destacam entre as vítimas de perseguição religiosa.

O relatório reforça investigações anteriores que estabeleciam que os Cristãos são de longe o grupo religioso mais perseguido. A susceptibilidade dos Cristãos à opressão está directamente relacionada com o facto de eles estarem historicamente muito dispersos, muitas vezes em culturas muito diferentes das suas. Muitos dos países onde os Cristãos estão estabelecidos há gerações ou mesmo milénios tornaram-se agora sujeitos ao extremismo. Em quase todos os vinte países que identificámos com níveis de perseguição mais “alta” à liberdade religiosa, os grupos minoritários muçulmanos também enfrentam perseguições terríveis e sistemáticas.

Contudo, deve referir-se que, na maior parte dos casos, estas são realizadas por outros muçulmanos. O aumento da tensão entre muçulmanos xiitas e sunitas é um tema constante neste relatório.

As comunidades judaicas também sofreram um aumento nas ameaças e violência, nomeadamente nalgumas partes da Europa ocidental, desencadeando níveis recorde de emigrações para Israel.

Notando um declínio na liberdade religiosa que afecta judeus, cristãos e outras comunidades, o antigo Rabino principal britânico, Jonathan Sacks, afirmou no Parlamento britânico, em Julho de 2014, que um “novo tribalismo” estava a levar ao “uso da religião como o manto da santidade para disfarçar e legitimar a simples procura do poder”, acrescentando: “O próprio Deus chora com os males que estão a ser cometidos em Seu nome.”

Quaisquer que sejam as possíveis razões para o declínio do pluralismo e da tolerância religiosa – seja motivadas pelo ódio de outra religião ou pelo ódio de qualquer religião –, os danos à condição humana no seu nível mais profundo são evidentes.

CASE STUDY

BARÉM

CONSTRUÇÃO DE CATEDRAL É UMA LUZ NA ESCURIDÃO

Março de 2014: A ilha do Barém fica apenas a 25 km de distância da costa da Arábia Saudita, que é governada por um dos regimes mais repressivos do mundo. A proposta de construção de uma catedral católica com 2.500 lugares no Barém é vista por muitos Cristãos e outros como tendo enorme potencial para a emergência de uma atitude mais tolerante para com as comunidades religiosas minoritárias em todo o mundo árabe.

Em Março de 2014, o Bispo Camillo Ballin do Vicariato Apostólico da Arábia do Norte confirmou que o rei Isa Al Khalifah do Barém tinha disponibilizado um terreno à Igreja Católica para construir a catedral. Dedicada a Nossa Senhora da Arábia, a catedral vai servir cerca de 2,5 milhões de católicos (350 mil dos quais estão no Barém). A grande maioria são trabalhadores estrangeiros originários da Índia, das Filipinas, do Paquistão, do Bangladesh e de outros países, que agora residem no Barém, Kuwait, Catar e Arábia Saudita. A nova estrutura vai ser um ponto central para as dez paróquias do território.

A prática do Cristianismo na Península Árabe é fortemente criticada, sobretudo na Arábia Saudita, e é maioritariamente limitada às embaixadas estrangeiras e casas particulares. Em geral, os sacerdotes não são autorizados a aparecer em público vestidos com trajes clericais e os Muçulmanos estão estritamente proibidos de se converterem ao Cristianismo. Embora as mulheres cristãs na Arábia Saudita sejam autorizadas a casar com homens muçulmanos, os homens cristãos estão proibidos de casar com mulheres muçulmanas. A construção da nova catedral no Barém assinala um avanço nas relações entre a Igreja e o Estado e é também testemunho do que o Bispo Ballin descreve como “um número cada vez maior de católicos na região”.

Fontes: *National Catholic Register*, 20 de Março de 2014 (www.ncregister.com); Ajuda à Igreja que Sofre dos EUA, 19 de Março de 2014.



CASE STUDY

PAQUISTÃO

VINTE E DOIS PEREGRINOS MUÇULMANOS XIITAS MORTOS EM ATAQUE BOMBISTA

Janeiro de 2014: Pelo menos vinte e dois peregrinos xiitas, incluindo mulheres e crianças, foram mortos num ataque bombista ao seu autocarro no Paquistão ocidental. A bomba explodiu perto do autocarro, que regressava à sua cidade natal de Quetta, no Baluquistão, depois de uma viagem aos locais sagrados no vizinho Irão. Cinquenta e um passageiros estavam dentro do autocarro no momento da explosão.

Pelo menos vinte pessoas ficaram feridas, segundo Shafqat Anwar Shahwani, comissário-adjunto da polícia para o distrito de Mastung. Shahwani disse que os responsáveis pela desactivação da bomba suspeitam que esta foi colocada à beira da estrada e detonada à distância, mas não põe de lado a possibilidade de um ataque suicida. Shahwani acrescentou que o motorista do autocarro disse às autoridades que não viu qualquer carro a embater contra o seu veículo, mas

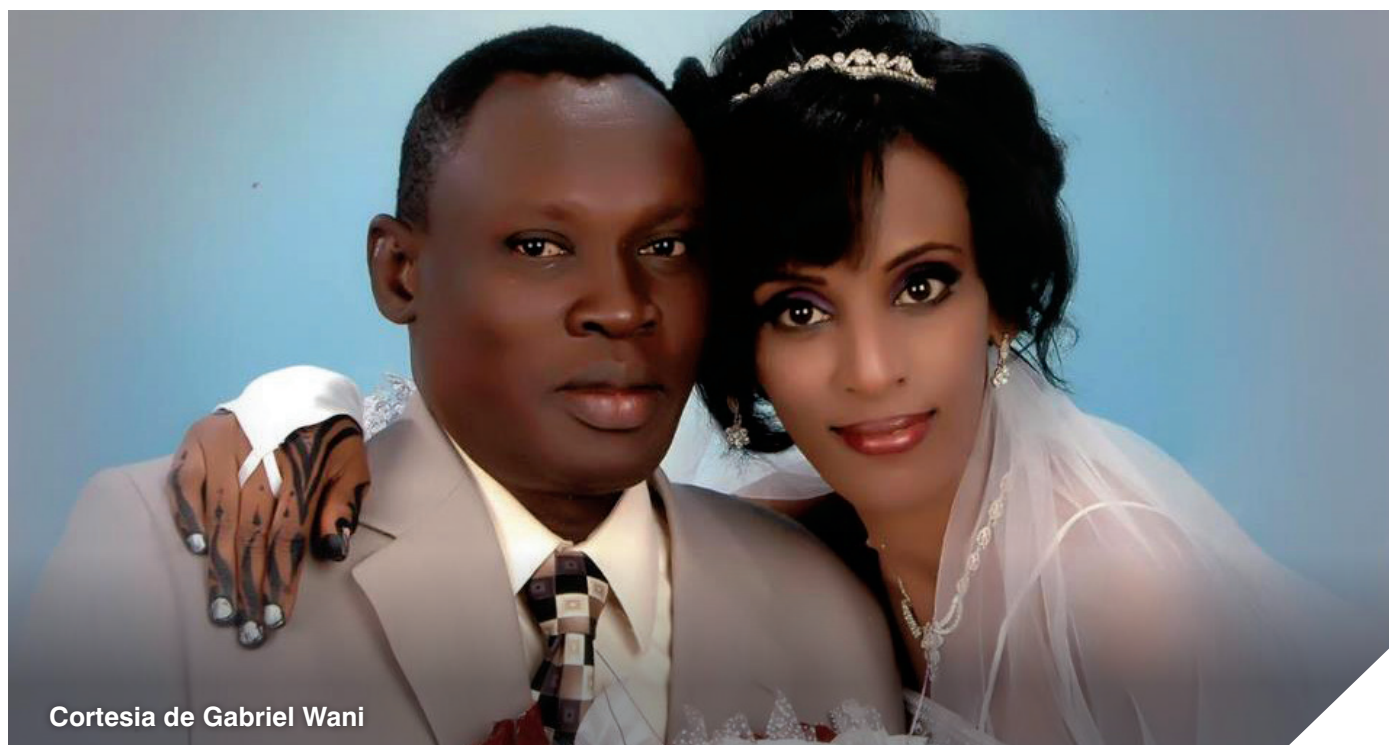
que sentiu uma explosão repentina seguida de gritos de mulheres e crianças.

Os ataques sectários estão a aumentar no Paquistão, onde a minoria de muçulmanos xiitas constitui cerca de 20% da população nacional de 175 milhões. Centenas de xiitas foram mortos em actos de violência sectária no Paquistão em 2013, incluindo muitos professores, médicos e crianças.

Grupos como o Lashkar-e-Jhangvi, que já admitiram realizarem ataques semelhantes contra a minoria xiita do Paquistão, dizem que estão a lutar por uma teocracia sunita e que os xiitas deviam deixar o país ou ser mortos.

Fontes: *Al Jazeera América*, 21 de Janeiro de 2014; *BBC News Online*, 21 de Janeiro de 2014.





Cortesia de Gabriel Wani

CASE STUDY

SUDÃO

MERIAM IBRAHIM ESCAPA À PENA DE MORTE POR 'APOSTASIA'

Maio a Junho de 2014: Meriam Ibrahim, grávida de oito meses do seu segundo filho, foi condenada à morte por enforcamento a 15 de Maio de 2014, por alegadamente cometer apostasia do Islamismo. Meriam é filha de um pai muçulmano e de uma mãe etíope cristã ortodoxa. Contudo, o pai de Meriam deixou a sua mãe quando Meriam era ainda muito jovem e esta foi posteriormente educada na fé cristã, acabando por casar com Daniel Wani, um cristão. Meriam afirmava que tinha sido sempre cristã.

Apesar das suas reivindicações, a acusação afirmou que ela deveria ter seguido a fé do seu pai ausente, e exigiu, com o apoio do juiz, que Meriam abandonasse a sua fé cristã e acreditasse em vez disso na fé do seu pai, o Islamismo. Foram-lhe dados três dias para o fazer, mas ela recusou, argumentando que tinha sido cristã toda a sua vida e que não podia prescindir ou alterar a sua fé a pedido de um tribunal.

A sentença imposta a Meriam cedo chamou a atenção de todo o mundo, com governos, indivíduos e meios

de comunicação social unidos na sua indignação. Esta reacção aumentou ainda mais quando foi revelado que Meriam tinha dado à luz o seu filho na prisão com as pernas acorrentadas ao chão.

A pressão sobre as autoridades sudanesas continuou e, a 24 de Junho de 2014, Meriam Ibrahim foi libertada por ordem de um tribunal de recurso sudanês. No dia seguinte, quando ela e a sua família estavam para embarcar num avião para os Estados Unidos, foram detidos e levados do aeroporto de Cartum para serem interrogados, por alegações de que ela tinha forjado os documentos de viagem. Meriam Ibrahim foi novamente libertada no dia seguinte e refugiou-se na embaixada dos Estados Unidos em Cartum com a sua família. Cerca de um mês mais tarde, a 24 de Julho, viajou de avião para Roma e encontrou-se com o Papa Francisco no Vaticano. Meriam e o seu marido Daniel viajaram então para os Estados Unidos, onde esperam agora criar a sua família.

Fontes: *AP/The Guardian*, 31 de Maio de 2014; *NY Daily News*, 27 de Fevereiro de 2014.



Tal como disse o Papa Francisco num discurso, a 20 de Junho de 2014: “A razão reconhece que a liberdade religiosa é um direito fundamental do ser humano, reflectindo a sua mais elevada dignidade”.

Mesmo uma entidade declaradamente secular como é a União Europeia reconhece a importância fundamental da liberdade de crença religiosa. Num conjunto de directivas adoptadas em Junho de 2013, a UE afirma: “Enquanto direito humano universal, a liberdade religiosa ou de crença salvaguarda o respeito pela diversidade. O seu livre exercício contribui directamente para a democracia, o desenvolvimento, o estado de direito, a paz e a estabilidade.”

O presente relatório, que começa por descrever as condições enfrentadas por cada minoria religiosa em cada país do mundo, é publicado pela Ajuda à Igreja que Sofre, uma organização católica que, enquanto Fundação Pontifícia, está sob responsabilidade directa da Santa Sé.

É razoável perguntar se é possível que uma organização cristã descreva objectivamente os sofrimentos de todos os crentes, sofrimentos esses que por vezes ocorrem às mãos de outros cristãos. Os leitores podem, obviamente, julgar por si próprios o sucesso ou a incapacidade deste relatório em fazê-lo. Mas a nossa resposta é que um relatório deste tipo sobre todas as minorias religiosas elaborado por uma organização cristã é não só possível como necessário. As organizações religiosas têm o dever de se opor veementemente quando qualquer comunidade religiosa está a ser atacada injustamente. Tal como sublinhado nos documentos do Vaticano, nomeadamente na *Dignitatis Humanae* (1965), a liberdade religiosa garante a expressão própria a todos os grupos religiosos, sob condição de cada um deles respeitar os direitos inalienáveis dos outros.

Mas, para alargar o espectro de análise dos nossos relatórios nacionais individuais, a Ajuda à Igreja que Sofre pediu a especialistas em liberdade religiosa que identificassem tendências emergentes em África, no Médio Oriente, na Ásia, na América do Norte, na Europa Ocidental, na Rússia e Ásia Central, e na América Latina.

Os relatórios destes especialistas estão publicados na totalidade em formato electrónico e podem ser acedidos em: **www.religion-freedom-report.org**

Em resumo, apresentamos aqui algumas das suas conclusões:

A análise do estado da liberdade religiosa em África é feita pelo antigo missionário **José Carlos Rodríguez Soto**. Este é geralmente optimista em relação ao futuro da liberdade religiosa em África, alegando que os problemas “não devem ofuscar a realidade de que na maior parte dos países africanos os seus cidadãos gozam do direito à liberdade religiosa, que é exercido tendo por pano de fundo uma cultura favorável à tolerância e ao respeito mútuo entre diferentes denominações religiosas”.

Destaca também como uma tendência positiva o crescimento de grupos interconfessionais para o diálogo e a acção social nos Camarões, Nigéria, República Centro-Africana, Uganda, Zâmbia, África do Sul e Quênia, entre outros.

Rodríguez Soto identifica igualmente a tendência mais preocupante em África nos últimos dois anos como o crescimento do fundamentalismo islâmico encabeçado por grupos como a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (no noroeste de África), o Boko Haram (na Nigéria e zonas circundantes) e o Al Shabaab (com o seu bastião na Somália). Diz que a resposta militar a estes grupos terroristas foi até agora ineficaz e que devem ser procuradas outras políticas, incluindo o diálogo religioso.

Em relação ao mundo islâmico, o **Padre Paul Stenhouse**, editor do jornal mensal católico *Annals Australasia* e visita frequente do Médio Oriente, apela a que o Ocidente exerça paciência e contenção na região, ao mesmo tempo que deve desenvolver uma compreensão mais sofisticada da diversidade de crenças em relação aos direitos humanos dentro do Islamismo.

Cita situações nas quais tentativas de reforma liberal em países com pouca ou nenhuma experiência de democracia originaram violência e revolta generalizadas, reafirmando que “Roma não se fez num dia”. Faz uma “referência especial” ao Irão. Escreve: “Pela sua constituição, Zoroastrianos, Cristãos e Judeus gozam de liberdade religiosa. A profanação e destruição de igrejas ou sinagogas – uma característica do extremismo islâmico em muitos estados sunitas – está admiravelmente ausente das comunidades e sociedades xiitas.”

Na Ásia, o **Padre Bernardo Cervellera**, editor da *Asia News*, alega que ao longo dos últimos anos “a Ásia continua a ser o continente onde a liberdade religiosa é mais violada”. Escreve: “Excepto em países como o Japão, Taiwan, Singapura, Filipinas (aparte de alguns episódios em Mindanao) e Camboja, todos os outros países relatam graus variáveis de violações da liberdade religiosa de comunidades cristãs, muçulmanas, hindus e sikhs, para já não falar em grupos considerados ‘hereges’ pelas maiorias locais, como os ahmadis e os sufis.”

Faz especial referência à Coreia do Norte, onde “professar qualquer fé para além da dos semideuses reinantes da dinastia Kim é proibido”, e à China, sobre a qual escreve: “A China... é o país onde os controlos sobre a religião são mais metódicos e quase totais, como evidenciado pela campanha violenta contra as comunidades não oficiais católicas, protestantes, budistas e muçulmanas.”

Os dois especialistas que escrevem sobre a América do Norte – **Eric Rassbach** e **Adèle Keim** do *Becket Fund* – concentraram as suas atenções na decisão de Junho de 2014 do Supremo Tribunal dos Estados Unidos em relação ao caso *Burwell v. Hobby Lobby Inc.* Este caso envolveu uma regulamentação federal que obriga muitos empregadores a pagarem pacotes de seguros de saúde

que incluem cobertura obrigatória de contraceptivos. O Supremo Tribunal considerou, após uma votação de 5-4, que a família Green, proprietária do *Hobby Lobby*, podia excluir os contraceptivos abortivos sem penalização governamental. Outra disputa relativa ao grau de colocação em prática da sua fé por parte dos crentes tem a ver com uma ordem executiva emitida pelo presidente Obama (Julho de 2014) proibindo os empregadores federais de discriminarem com base na orientação sexual ou identificação de género. Apesar do pedido de muitas organizações religiosas, a ordem não incluía qualquer excepção para a prática religiosa, colocando um ponto de interrogação nalguns serviços prestados por igrejas aos pobres e aos sem-abrigo.

Questões de consciência do mesmo tipo são destacadas na sua análise do Canadá. Estes autores descrevem o caso da Universidade Trinity Western, uma universidade protestante evangélica que só aceita alunos que partilhem a mesma fé. Os opositores alegam que a universidade devia ser proibida de abrir uma faculdade de direito, pois a sua crença na definição tradicional do casamento impede-a de disponibilizar educação jurídica. “O resultado

desta disputa vai afectar todas as instituições religiosas que demonstrem uma preferência por correligionários”, escrevem os autores.

Em relação à Europa Ocidental, o **Dr. John Newton**, autor de questões de liberdade religiosa que trabalha para a Ajuda à Igreja que Sofre no Reino Unido, e o **Dr. Martin Kugler** do Observatório de Intolerância e Discriminação Contra os Cristãos na Europa, sediado em Viena, pintam um quadro preocupante da marginalização gradual dos que tentam manter os valores morais tradicionais. Embora os crentes tenham total liberdade para praticar a sua fé em privado, os autores identificam “uma imposição de linha dura das posições relativistas” que está a inibir a acomodação razoável das crenças religiosas.

Pior ainda, este choque de valores está a crescer ao ponto de os crentes recearem poderem ser forçados pelo Estado a conformarem-se com normas sociais às quais se opõem conscientemente.

Os autores também destacam a crescente ocorrência de violência contra judeus e muçulmanos em toda a Europa Ocidental, o que, embora profundamente preocupante,

CASE STUDY

CHINA (TIBETE)

MONGE BUDISTA MORRE NA PRISÃO

Dezembro de 2013: A polícia chinesa é suspeita de espancar até à morte um monge budista tibetano, Jamyang Geshe Ngawang, enquanto este estava preso. Jamyang, de 45 anos, e dois dos seus amigos foram detidos pelos agentes de segurança pública em Novembro de 2013 durante umas férias em Lhasa, a capital provincial do Tibete. Desde então, não se ouviu mais falar sobre ele até 17 de Dezembro, quando a polícia entregou o corpo à sua família. Ngawang Tharpa, um tibetano que vivia na Índia mas que mantém contacto com o seu país de origem, disse à Rádio Free Asia: “Ele foi espancado até à morte. Quando a polícia entregou o seu corpo, avisaram os membros da família para que não dissessem nada sobre o incidente. Senão seriam mortos.” Até à data, não houve notícias dos dois amigos detidos juntamente com Jamyang.

Jamyang Geshe Ngawang era altamente respeitado pela comunidade local e era popular entre os fiéis locais. Deu aulas durante muitos anos num mosteiro indiano antes

de regressar ao Tibete em 2007, onde aceitou o lugar de professor no mosteiro de Tarmoe Nagchu, condado de Diru.

De acordo com o Centro Tibetano de Direitos Humanos e Democracia, “é claro que o monge foi espancado até à morte enquanto estava numa prisão secreta. Ele era um homem grande e de boa saúde quando deixou o mosteiro para visitar Lhasa.”

Em 2008, Jamyang foi detido no Tibete e condenado a dois anos de prisão, acusado de “manter contactos com países estrangeiros”. No entanto, foi libertado mais cedo por bom comportamento. Entre 1987 e o início de 2005, segundo o Centro Tibetano de Direitos Humanos e Democracia, oitenta e sete prisioneiros foram torturados e morreram ou na prisão ou pouco tempo depois da sua libertação.

Fontes: www.AsiaNews.it, 20 de Dezembro de 2013; Centro Tibetano de Direitos Humanos e Democracia, 27 de Janeiro de 2014 (www.tchrd.org).



Cortesia de Tibetan Centre for Human Rights and Democracy





CASE STUDY

REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA

CRISTÃOS E MUÇULMANOS JUNTOS PELA PAZ

Janeiro de 2014: Kobine Layama, um imã muçulmano e presidente da comunidade islâmica na República Centro-Africana, juntamente com Dieudonné Nzapalainga, o Arcebispo católico, e Nicolas Guerekoyame, Pastor protestante, criaram um grupo inter-religioso para a paz. Durante o tempo em que metade do país estava ocupado por rebeldes Séléka, os três homens realizaram missões de paz, mediando entre as partes no interior do país, de modo a impedir que os confrontos se transformassem em guerra aberta. Quando os rebeldes Séléka ocuparam a capital, Bangui, e tomaram o poder, o Imã Layama viu-se numa situação pessoal difícil: muitos muçulmanos centro-africanos viram isto como um sinal de que tinha chegado a altura de tomarem o poder. E, em muitos locais, rebeldes Séléka e muçulmanos colaboraram abertamente uns com os outros. Kobine Layama é um muçulmano pio que está convencido de que os Muçulmanos e os Cristãos devem viver em paz e em respeito mútuo. Layama tornou-se numa figura estranha para os rebeldes Séléka por causa do que pregava:

“O que vocês estão a fazer – roubar, matar, violar mulheres e aterrorizar as pessoas – é contrário ao que Deus nos ordena que façamos no Corão.” Quando a violência arrasou Bangui a 5 de Dezembro de 2013 e causou 500 mortes em três dias, Kobine procurou abrigo junto do seu amigo, o Arcebispo Nzapalainga. Ele sabia que a sua vida estava ameaçada pelos extremistas de ambos os lados. Desde então, tem apelado infatigavelmente à calma e à reconciliação.

A natureza do conflito centro-africano não é religiosa, mas sim social e política. A violência e a vingança estão a ser fomentadas pelos que querem ver um foco de hostilidades entre Cristãos e Muçulmanos. Uma e outra vez isso coloca os cidadãos do país em situações de perigo. Estando eles próprios em grande risco, o imã, o arcebispo e o pastor são três vozes corajosas que apelam incansavelmente à paz.

Fontes: Ajuda à Igreja que Sofre, Fevereiro de 2014



permanece de momento em grande medida como uma excepção. Chamam particularmente a atenção para a emigração judaica de França, de onde nos primeiros três meses de 2014 cerca de 400 judeus franceses partiram para Israel, quatro vezes mais do que no mesmo período de 2013 e 2012.

Peter Humeniuk, um especialista sobre Rússia e Ásia Central, é membro da equipa internacional de projecto da Ajuda à Igreja que Sofre. Convida os leitores a olharem para a liberdade religiosa na Rússia através das lentes do seu passado recente tumultuoso. Diz que, enquanto os grupos religiosos tradicionais são tratados em geral com respeito, a experiência – de meados da década de noventa em diante – de seitas religiosas bem financiadas que invadem o país animou o grau de liberdade religiosa que é agora permitido. Embora estas seitas tenham sido em geral mal-sucedidas, as autoridades por vezes consideram difícil estabelecer a distinção entre actividade religiosa legítima e ilegítima.

Diz que a Rússia está a esforçar-se por desenvolver a sua própria forma de Islamismo, embora a linha entre “uma comunidade religiosa exótica e uma célula terrorista activa possa ser muito ténue”. Diz também que os imigrantes, trabalhadores de serviços em Moscovo e São Petersburgo, sobretudo os muçulmanos da Ásia Central, representam um “potencial de agitação étnica e religiosa”.

Voltando-se para os países da Ásia Central, diz que muitos receiam que a retirada das forças militares ocidentais do Afeganistão possam levar à expansão do Islamismo radical na região. “Esta é uma perspectiva assustadora para os regimes autoritários nos quais o Islamismo é controlado pelo Estado.” Os líderes destes estados da Ásia Central, segundo ele, têm observado os resultados da Primavera Árabe, e embora estas revoluções sangrentas não justifiquem necessariamente as restrições impostas às comunidades religiosas, de alguma forma explicam-nas.

O Dr. Austen Ivereigh diz que, embora a América Latina tenha metade dos Católicos do mundo, existe uma diversidade de crenças e práticas religiosas muito maior do que as pessoas imaginam. No Brasil, mais de 20% da população é cristã evangélica, enquanto nalguns países da América Central este valor aumenta para um terço da população. A Argentina tem comunidades significativas de judeus e muçulmanos e nas Caraíbas anglófonas dominam as Igrejas protestantes. Há também, em Cuba e no Brasil, por exemplo, números significativos de praticantes do espiritismo ou da santeria.

Explica que as barreiras à liberdade religiosa total, onde existem, são habitualmente resultantes de regimes oficialmente seculares e ateus, e aplicam-se geralmente também a todos os grupos religiosos. O desafio para o futuro, segundo ele, é o levantamento das sanções que permanecem, tanto legais como não oficiais, sobre entidades religiosas, e também uma maior aceitação por parte dos governos da região das vozes religiosas na vida nacional.

Tal como vários dos casos de estudo destacados nesta síntese, há simultaneamente sinais de esperança e razões para grande preocupação. Apresentamos exemplos de líderes religiosos que estendem a mão da amizade uns aos outros. Relatamos que até mesmo no Golfo Pérsico, onde existem vários países que são extremamente hostis ao pluralismo religioso, um governante muçulmano doou um terreno para a construção de uma catedral cristã. Em África sabemos como é que líderes cristãos e um imã muçulmano estão a trabalhar em conjunto para reduzir a violência. Embora relatem o crescimento ameaçador da intolerância religiosa em partes da Europa Ocidental, há claramente uma tendência contrária na qual os líderes religiosos e comunitários se estão a unir para acolher os refugiados.

A lição muito clara que retiramos desta investigação é que o apelo urgente a inverter a violência e a opressão direccionadas para as minorias religiosas deve vir, em primeiro lugar e sobretudo, de dentro das próprias comunidades religiosas. Embora este relatório destaque os muitos impedimentos legais e constitucionais à liberdade religiosa impostos pelos governos, a condição prévia para a melhoria é a harmonia e o respeito mútuo entre grupos religiosos.

A necessidade de todos os líderes religiosos usarem os seus púlpitos e os meios de comunicação social para proclamarem em voz alta a sua oposição à violência de inspiração religiosa, bem como a necessidade de reafirmarem o seu apoio à tolerância religiosa – no clima actual – tornam-se ainda mais urgentes.

Peter Sefton-Williams

Presidente do Comité Editorial do Relatório da Liberdade Religiosa Mundial da AIS

SITUAÇÃO GERAL DA LIBERDADE RELIGIOSA

Países	Situação geral da perseguição ou discriminação vivida pelos grupos religiosos	Alteração da Situação
Iraque	ELEVADA	Muito Deteriorada
Líbia	ELEVADA	Muito Deteriorada
Nigéria	ELEVADA	Muito Deteriorada
Paquistão	ELEVADA	Muito Deteriorada
Sudão	ELEVADA	Muito Deteriorada
Síria	ELEVADA	Muito Deteriorada
Azerbaijão	ELEVADA	Deteriorada
Burma (Mianmar)	ELEVADA	Deteriorada
República Centro-Africana	ELEVADA	Deteriorada
China	ELEVADA	Deteriorada
Egipto	ELEVADA	Deteriorada
Usbequistão	ELEVADA	Deteriorada
Afeganistão	ELEVADA	Sem Alteração
Eritreia	ELEVADA	Sem Alteração
Maldivas	ELEVADA	Sem Alteração
Coreia do Norte	ELEVADA	Sem Alteração
Arábia Saudita	ELEVADA	Sem Alteração
Somália	ELEVADA	Sem Alteração
Iémen	ELEVADA	Sem Alteração
Irão	ELEVADA	Melhorada
Mali	MODERADA	Muito Deteriorada
Angola	MODERADA	Deteriorada
Bangladeche	MODERADA	Deteriorada
Biélorrússia	MODERADA	Deteriorada
Brunei	MODERADA	Deteriorada
Etiópia	MODERADA	Deteriorada

Grécia	MODERADA	Deteriorada
Indonésia	MODERADA	Deteriorada
Cazaquistão	MODERADA	Deteriorada
Quénia	MODERADA	Deteriorada
Kuwait	MODERADA	Deteriorada
Quirguistão	MODERADA	Deteriorada
Líbano	MODERADA	Deteriorada
Malásia	MODERADA	Deteriorada
Marrocos	MODERADA	Deteriorada
Tanzânia	MODERADA	Deteriorada
Tunísia	MODERADA	Deteriorada
Turquemenistão	MODERADA	Deteriorada
Barém	MODERADA	Sem Alteração
Argélia	MODERADA	Sem Alteração
Comores	MODERADA	Sem Alteração
Chipre	MODERADA	Sem Alteração
Índia	MODERADA	Sem Alteração
Israel	MODERADA	Sem Alteração
Laos	MODERADA	Sem Alteração
Mauritânia	MODERADA	Sem Alteração
Nepal	MODERADA	Sem Alteração
Territórios da Palestina	MODERADA	Sem Alteração
Federação Russa	MODERADA	Sem Alteração
Sri Lanka	MODERADA	Sem Alteração
Tajiquistão	MODERADA	Sem Alteração
Turquia	MODERADA	Sem Alteração
Vietname	MODERADA	Sem Alteração
Cuba	MODERADA	Melhorada
Catar	MODERADA	Melhorada
Emirados Árabes Unidos	MODERADA	Melhorada

Jibuti	PREOCUPANTE	Deteriorada
Hungria	PREOCUPANTE	Deteriorada
Bolívia	PREOCUPANTE	Deteriorada
Canadá	PREOCUPANTE	Deteriorada
Dinamarca	PREOCUPANTE	Deteriorada
Equador	PREOCUPANTE	Deteriorada
França	PREOCUPANTE	Deteriorada
Geórgia	PREOCUPANTE	Deteriorada
Alemanha	PREOCUPANTE	Deteriorada
Holanda	PREOCUPANTE	Deteriorada
Peru	PREOCUPANTE	Deteriorada
Suécia	PREOCUPANTE	Deteriorada
Ucrânia	PREOCUPANTE	Deteriorada
Reino Unido	PREOCUPANTE	Deteriorada
Uruguai	PREOCUPANTE	Deteriorada
Arménia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Butão	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Bulgária	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Chade	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Colômbia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
República Dem. do Congo	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Guiné Equatorial	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Costa do Marfim	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Jordânia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Kosovo	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Macedónia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Madagáscar	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Mauritânia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
México	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Moldávia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Mongólia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Nova Zelândia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Nicarágua	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Nigéria	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Noruega	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Omã	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Palau	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Papua Nova Guiné	PREOCUPANTE	Sem Alteração

Filipinas	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Roménia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Ruanda	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Sérvia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Singapura	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Eslováquia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
África do Sul	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Tailândia	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Tuvalu	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Uganda	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Venezuela	PREOCUPANTE	Sem Alteração
Zimbabué	PREOCUPANTE	Melhorada
Austrália	REDUZIDA	Deteriorada
Albânia	REDUZIDA	Deteriorada
Argentina	REDUZIDA	Deteriorada
Bélgica	REDUZIDA	Deteriorada
Camarões	REDUZIDA	Deteriorada
Irlanda	REDUZIDA	Deteriorada
Itália	REDUZIDA	Deteriorada
Luxemburgo	REDUZIDA	Deteriorada
Polónia	REDUZIDA	Deteriorada
Estados Unidos da América	REDUZIDA	Deteriorada
Taiwan	REDUZIDA	Melhorada

NOTA EXPLICATIVA

Período em análise: Outubro de 2012 a Junho de 2014 (inclusive).

Um total de setenta e nove países foram classificados como tendo liberdade religiosa “reduzida”, não havendo mudanças na sua situação. Para visualizar estes países, consulte por favor a folha de Excel em www.religion-freedom-report.org.

Ao avaliar a escala de opressão dos grupos religiosos, a AIS considerou muitos factores. A classificação aqui apresentada baseia-se na probabilidade de haver violência e/ou intolerância de inspiração religiosa num determinado país a partir de qualquer fonte. A AIS reconhece que a natureza qualitativa da classificação significa que há necessariamente um elemento de subjectividade nessa análise.

Para consultar o relatório de um país específico, visite por favor www.religion-freedom-report.org e clique sobre o respectivo continente.

www.religion-freedom-report.org



FUNDAÇÃO AIS

ORGANIZAÇÃO DEPENDENTE DA SANTA SÉ

A Fundação AIS (Ajuda à Igreja que Sofre) é uma organização da Igreja Católica que depende directamente da Santa Sé. A sua missão é ajudar os cristãos onde quer que eles se encontrem perseguidos, refugiados ou em necessidade. Fundada no Natal de 1947, a AIS tornou-se uma Fundação Pontifícia da Igreja Católica em 2012. Todos os anos apoia mais de 5.000 projectos pastorais dos quase 10 mil pedidos de ajuda vindos de todo o mundo. Missionários, sacerdotes, leigos, religiosas e catequistas dependem do apoio da Fundação AIS para subsistirem e poderem levar uma mensagem de esperança aos que mais precisam. Para além da sede na Alemanha existem secretariados em vinte países espalhados pela Europa, América e Austrália. Em Portugal, a Fundação AIS começou em 1995, com a abertura de um pequeno secretariado em Lisboa e, mais tarde, uma casa em Fátima.